

## “FORMAR NÃO SÓ DONAS DE CASA, MAS TAMBÉM DOMÉSTICAS”: EDUCAÇÃO PARA AS MULHERES NA ESCOLA DOMÉSTICA DONA JÚLIA EM CUIABÁ – MT (1946-1947)

"TO FORM NOT ONLY HOUSEWIVES, BUT ALSO DOMESTIC": EDUCATION FOR WOMEN AT THE DOMESTIC SCHOOL DONA JÚLIA IN CUIABÁ – MT (1946-1947)

Gabriella Moura da Silva<sup>1</sup> & Nilce Vieira Campos Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Essa investigação aborda a educação para as mulheres na Escola Doméstica Dona Júlia – EDDJ, em Cuiabá, entre os de 1946 á 1947 nesse período quando a instituição buscou formar mulheres que pudessem, mais tarde, atuar como mão de obra doméstica, no ofício de serviçais assalariadas, conforme os próprios dizeres noticiados por uma das gestoras da EDDJ. O recorte temporal para esse estudo tem início em 1946 quando foi inaugurada a instituição e encerra em 1947 com o ingresso da primeira turma do curso doméstico. O objetivo geral desse estudo foi investigar o percurso para a inauguração da instituição bem como as ideias estipuladas pelas idealizadoras da instituição para a formação doméstica das mulheres cuiabanas. Fomos em busca das fontes documentais, analisamos documentos como: ata de inauguração, estatuto escolar, programa de ensino, jornais, revistas e normas, que foram recolhidos em diversos acervos físicos e *on-line*, tais como: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso (NDIHR); Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital). A partir de pesquisas realizadas por Jacques Le Goff (1990), Peter Burke (1997), Marc Bloch (1997), estabelecemos nossa metodologia no movimento preconizado pela Escola dos Annales, a qual trouxe outras possibilidades de pesquisa com fontes documentais e bibliográficas. Procurando responder aos nossos questionamentos, compreendemos que a fundação da EDDJ partiu dos ideários advindos de mulheres das famílias tradicionais cuiabanas com principal intuito de formar mão de obra feminina barata e especializada para o trabalho nas residências de famílias.

**Palavras-chave:** História da Educação das mulheres. Escola Doméstica. Formação de domésticas

**ABSTRACT:** This investigation addresses education for women in the Domestic School Dona Júlia - EDDJ, in Cuiabá, between 1946 and 1947 in this period when the institution sought to train women who could later act as a domestic labor force, in the craft of employed servants, according to the sayings reported by one of the managers of EDDJ. The time frame for this study began in 1946 when the institution was inaugurated and ended in 1947 with the entry of the first class of the domestic course. The general objective of this study was to investigate the path to the inauguration of the institution as well as the ideas stipulated by the creators of the institution for the domestic formation of Cuiabá women. We went in search of documentary sources, analyzed documents such as: inauguration minutes, school statute, teaching program, newspapers, magazines and standards, which were collected in various physical and online collections, *such as:* Public Archive of the State of Mato Grosso (APMT), Documentation Center and Regional Historical Information of the Federal University of Mato Grosso (NDIHR); Brazilian Digital Library (BNDigital). From research conducted by Jacques Le Goff (1990), Peter Burke (1997), Marc Bloch (1997), we established our methodology not the movement recommended by the Annales School, which brought other possibilities of research with documentary and bibliographic sources. Seeking to answer our questions, we understand that the foundation of EDDJ came from the idearies of women from traditional Cuiabanas families with the main objective of forming cheap and specialized female labor for work in family homes.

**Keywords:** History of Women's Education. Home School. Domestic training.

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, 2021. E-mail: gabriellamoura16@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Uberlândia (UFU). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)/ Instituto de Educação (IE)/DTFE/Cuiabá/MT e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE)/Cuiabá/MT. Coordenadora da Rede de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação das Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil e América Latina - RECONAL-Edu; do Centro Memória Viva do Instituto de Educação da UFMT/Cuiabá (CMVIE); do Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero (GPHEG). E-mail: nilcevieiraufmt@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que desenvolvemos parte da investigação sobre a Escola Doméstica Dona Júlia – Cuiabá-MT (1946-1946) - EDDJ, para esse estudo em específico abordamos o processo da inauguração da EDDJ e os objetivos da instituição para a formação das mulheres em Cuiabá-MT. Desse modo, a pesquisa se desenvolve no âmbito das instituições escolares e na história da educação das mulheres.

A EDDJ foi idealizada por mulheres das famílias mais abastadas de Cuiabá- MT. Essas mulheres eram jovens normalistas, esposas de políticos, mulheres que frequentavam espaços de prestígios na sociedade cuiabana. As discussões para implementação da EDDJ, inicia muito anos da inauguração, aproximadamente nos anos de 1916, quando foi criado o Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida - GLJLA, que era liderado por essas mulheres das famílias mais abastadas.

No âmbito do GLJLA eram discutidos assuntos femininos, literários, educação para mulheres. Uma das ideias estipuladas por elas era criar uma revista que pudesse tornar público as ideias estabelecidas pelo núcleo do GLJLA. De acordo com o previsto no estatuto do GLJLA, a agremiação tinha como principal intuito “[...] promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de teses, sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos [...] manter uma revista de publicação bimensal [...]”. (A VIOLETA, 1918, p. 9).

Como sugerido pelo GLJLA, tão logo inauguraram a revista *A Violeta*, que a partir de dezembro de 1916, mesmo ano da criação do GLJLA, a revista passou a divulgar por toda Cuiabá, as discussões no âmbito do GLJLA. A revista contou com várias editoras e escritoras, que publicavam seus escritos de diversos assuntos nas páginas de *A Violeta*.

Uma das discussões frequente, que estavam publicadas na revista *A Violeta* era sobre a formação das mulheres em Cuiabá. Essas ideias adivinham das mulheres membros do GLJLA, mas principalmente pela professora Maria Dimpina Lobo Duarte, que por vezes para revista *A Violeta* e reivindicou dos poderes públicos a implementação de uma escola Doméstica em Cuiabá. A professora, de acordo com Nadaf (1993, p. 60), “[...] assinou sua produção na revista com pseudônimos Arinapi e Marta, com as iniciais do seu nome, M.D., e com seu nome completo”.

Maria Dimpina, que efetivamente lutou pela criação da instituição e pela formação feminina. Periodicamente, publicou em “A Crônica”, coluna em primeira página de *A Violeta*,

que esteve presente na revista em praticamente todas as edições ao longo de 34 anos. Sobre a necessidade dessa instituição, portanto, grande parte dos textos apresentados em *A Violeta* eram de autoria de Maria Dimpina, vez ou outra, de outras redatoras. Desde então, houve planejamentos e projetos para a implementação da Escola Doméstica na Capital do estado. Porém, somente foram concretizadas essas ideias em 1946 com a criação da EDDJ.

Essas primeiras informações que adquirimos sobre a EDDJ, nos levaram a inúmeros questionamentos, como por exemplo: Quais os motivos de criar uma escola de formação das mulheres em Cuiabá? Qual eram os objetivos com essa instituição? Tais questões nos moveram e fez com que pesquisássemos mais sobre a história dessa instituição e seus objetivos para a educação das mulheres.

Nos apoiamos metodologicamente nas ideias estabelecidas pelas teorias da História Nova, que surgiu a partir de um movimento historiográfico do século XX, fruto da inquietação e do descontentamento de seus precursores com relação aos estudos historiográficos realizados a partir da história política, que se ocupava em estudar a narrativa dos grandes feitos, dos vencedores, daqueles que eram considerados renomados.

A História Nova, trazida pela Escola dos Annales (1929-1989), fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, permitiu a ampliação das análises históricas a partir de uma “[...] multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais [...]” (LE GOFF, 1990a, p. 28).

No enredo das discussões da História Nova, buscamos pesquisar a história da educação das mulheres, a qual, no âmbito da Escola dos Annales, foi desencadeada por Michelle Perrot (2005, p. 33), para quem, por muito tempo, as mulheres foram excluídas da história. Segundo a autora, “[...] a narrativa histórica tradicional lhes dá pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra - onde elas aparecem pouco [...]”. Perrot (2005) ressaltou ainda que a falta de atenção dada à narrativa feminina compõe um problema para a constituição da história das mulheres.

A trajetória de busca por documentos sobre a EDDJ, não foi fácil, Perrot (2007, p. 20) já nos alertava que a pesquisa por fontes documentais sobre as mulheres perpassava por caminhos sinuosos, pois, para que possamos escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. “[...] E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios [...]”. Munidas do aporte teórico enveredamos pelo caminho

das fontes, em busca contínua e incessante, como caçadoras/pesquisadoras nos apoiamos em pequenos vestígios, rastros e pegadas deixadas ao longo da história da EDDJ.

Carlo Ginzburg (1989, p. 152) afirmou que o homem foi caçador de histórias e que “[...] teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa [...]”. Assim, ao tentarmos analisar as fontes, o autor nos ensina a procurar nos documentos ‘pistas mudas’, isto é, buscar detalhes que não são vistos em uma primeira leitura.

Assim, iniciamos a pesquisa em busca de pistas e de pequenos vestígios sobre a EDDJ. Esse encontro com as fontes, como apontado por Ginzburg (1989), entretanto, não aconteceu de maneira fácil ou repentina. Pelo contrário, quando nos propusemos a ir ao encontro das fontes e a buscar pelos documentos, embarcamos em um universo desconhecido, por vezes discutido em outras pesquisas, porém, pouco explorado.

Nesse contexto no qual o caçador cria estratégias para alcançar a presa, buscamos meios de pesquisa que pudessem nos indicar os caminhos para o encontro com as fontes. As inquietações foram constantes em relação à história dessa instituição, desse modo, munidas dos aportes teóricos e metodológicos, avançamos em busca das fontes documentais.

Percorremos vários arquivos físicos e *on-line*. Dirigimo-nos aos arquivos Públicos de Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso - APMT; Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso – IMAL e Núcleo de Documentação e Informação Histórica regional da UFMT- NDIHR, onde encontramos documentos pertinentes ao nosso objeto de pesquisa. Nos arquivos físicos foi possível localizar os seguintes documentos: Ata de inauguração, local onde a escola era localizada, jornais e revistas.

Nos arquivos públicos, a localização dos documentos se deu com base na organização disponibilizada por cada arquivo, fosse as caixas, pastas ou microfilmagem. Dito isso, separamos e fotografamos todos os documentos que elencamos necessários à nossa pesquisa.

Carlos Bacellar (2008) salientou que, ao pesquisarmos, muitas vezes, deparamo-nos com uma organização documental nos arquivos bastante diversificada e, por vezes, os acervos se encontram em condições precárias. Em nossas pesquisas, contudo, tivemos o privilégio de encontrar arquivos em bom estado de conservação, a exemplo o Arquivo Público de Mato Grosso, como nos lembrou Bacellar (2008, p. 50), “[...] no Brasil, os arquivos públicos mais bem organizados pertencem aos poderes Executivo e Legislativo, sobretudo em âmbito

nacional e estadual, com grandes carências nos municípios [...]”. A maneira como estão distribuídos os documentos no arquivo facilita as buscas realizadas pelo pesquisador.

O historiador e historiada, precisa de um vasto número de documentos para análise precisa do assunto em questão. Marc Bloch (1997, p. 15) chamou a atenção para o fato de que o “[...] historiador não pode ser um sedentário, um burocrata da história, deve ser um andarilho fiel a seu dever de exploração e de aventura [...]”, salientou, ainda, que, em seu ofício, o “[...] historiador deve ter apetite [...]” por documentos históricos, criando estratégias e maneiras mais eficientes de conseguir encontrar o maior número possível de fontes importantes para a pesquisa. Fomos em busca de outros espaços de buscas e nos apoiamos também nos acervos *on-line*.

As buscas nesses acervos nos acompanharam desde o início da pesquisa e foram os primeiros espaços de buscas que localizamos informações da EDDJ, em especial, a Hemeroteca Digital Brasileira - BNDigital<sup>3</sup>. Na BNDigital encontramos periódicos que traziam algumas notícias sobre a escola, entre eles, os jornais *A Cruz*, *O Estado de Mato Grosso* e a revista *A Violeta*, na qual constavam, em suas publicações, registros sobre a EDDJ. Essa revista, em especial, a partir de 1946, ano de inauguração da EDDJ, publicou informações específicas da instituição.

Nesses periódicos, foi possível localizar informações sobre: inauguração da escola, matrículas, atividades que ocorriam na instituição, programa de ensino, professoras e diretoras. A busca por fontes nas plataformas digitais estendeu-se durante todo o percurso deste trabalho e, simultaneamente, aconteceram às pesquisas físicas nos arquivos públicos.

Documentos recolhidos, passamos a analisar cada vestígio deixado nos documentos, marcas de um período distante, como pesquisadoras analisamos os pormenores da fonte e retiramos dela o que de fato foi importante a nossa pesquisa. Os documentos são relíquias de um tempo, esses importantes relatos escritos testemunharam os caminhos percorridos para inauguração da EDDJ, bem como, os objetivos para a formação feminina na EDDJ.

## **2. ESCOLA DOMÉSTICA: UMA CASA DE FAMÍLIA**

Em 26 de novembro de 1946, inaugurou na capital de Mato Grosso, a EDDJ. finalmente foi fundada uma escola destinada, exclusivamente, ao sexo feminino, a Escola Doméstica Dona

---

<sup>3</sup> <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Júlia – EDDJ, também nomeada em homenagem à romancista carioca Júlia Lopes de Almeida<sup>4</sup>. A inauguração da instituição representava a realização dos ideais das mulheres do grêmio literário Julia Lopes de Almeida, em especial, de Maria Dimpina que por vezes se dedicou e escreveu para a revista *A Violeta* reivindicando uma escola Doméstica em Cuiabá. Maria Dimpina tornou-se diretora da instituição tomando conta de toda questão administrativa da instituição, bem como, a parte pedagógica, assumiu também aulas na instituição.

A sessão inaugural da escola foi publicada pela imprensa local e constatada pela redação do jornal *O Estado de Mato Grosso* (1946, p. 1), descrevendo que na inauguração da EDDJ houve “[...] grande interesse em nosso meio, vendo-se presentes ao ocorrido ato, além das pessoas mais representativas do nosso mundo social, o Exmo. Sr. Interventor Federal e demais altas autoridades estaduais e federais”. A notícia confirmou que houve significativa movimentação na inauguração da instituição.

Ao desatar a fita que dava acesso à cozinha, o Interventor Federal José Marcelo Moreira oficializou a inauguração da instituição e proferiu “[...] não vos admireis, Snrs, o porquê deste meu gosto. A cozinha deve ser o salão de honra da mulher, queremos elevá-la em Cuiabá à altura que ela merece [...]” (DIMPINA, 1946b, p. 5).

Chama atenção o ato conduzido pelo interventor que simbolizava, portanto, os espaços nos quais a mulher estava apta a atuar. Parece-nos que sua fala partia do pressuposto de que o homem era o provedor dos lares e que, portanto, ocupava os espaços públicos e outros de poder. Para além disso, claro está o estabelecimento do distanciamento entre homens e mulheres, representado pelo ato de indicação do lugar destinado às mulheres, evidenciado a manutenção das normas sociais em vigor na época, isto é, uma sociedade patriarcal e conservadora, à qual convinha que a mulher continuasse nos espaços do lar, ou no máximo atuando em profissões condizentes com o “natural feminino”.

Essa concepção encontra apoio nos estudos de Perrot (2007, p. 136), que descreveu o receio de “[...] mulheres em público, as mulheres em movimento”. Para ela, a movimentação feminina causava espanto e desordem na sociedade, desse modo, o conservadorismo buscava contê-las em espaços privados como o lar, os conventos, os abrigos, as cozinhas.

---

<sup>4</sup> Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi jornalista e autora de livros. Quando começou sua longa carreira de mais de quarenta anos como jornalista e escritora, ainda encontrou grande oposição, mas foi adquirindo renome e prestígio. [...] Em suas crônicas, fez campanhas em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, da exposição de flores, assim como fizera a defesa da abolição e da república (TELLES, 2018, p. 435).

Outra análise possível a respeito da presença do interventor na inauguração é que a presença masculina representava uma parceria com o estado, com a finalidade de captar recursos e apoio para que a instituição fosse aceita pelas autoridades e mesmo pela população feminina cuiabana.

O prédio no qual foi inaugurada a EDDJ foi doado à instituição em 1945. Maria de Arruda Müller, presidente da LBA, salientou que a comissão estadual da LBA “[...] comprou a Casa à Rua Pedro Celestino [...] para a instalação da Escola Doméstica, já desaparecida”. (MÜLLER, 1994, p. 166).

Conjecturamos que Maria de Arruda Müller, como presidente da LBA, sócia do GLJLA e também esposa do Interventor Federal Júlio Müller do período, tenha sido uma importante influenciadora nos recursos enviados à EDDJ, em especial, com a doação do prédio onde funcionou a instituição, isto porque “[...] a pessoa que poderia conseguir donativos, por ter se casado com um político eminente, Interventor do Estado de Mato Grosso, Sr. Júlio Müller, é exatamente Maria Müller [...]”. (COSTA, 2016, p. 166). Havia, portanto, intrínseca relação estabelecida entre Müller e a EDDJ.

Em 1945, o interventor de Mato Grosso era Júlio Müller, esposo de Maria de Arruda Müller, que apoiou sobremaneira o GLJLA e as reformas da casa doada para o funcionamento da EDDJ. Conforme salientou Dimpina (1946a, p. 13), o “[...] Bacharel Júlio Müller que como interventor e amigo da instrução mandou fazer eficiente adaptação e conserto da Casa [...]”. Tal casa foi sede da EDDJ no ano seguinte, em 1946.

O prédio destinado à instalação da EDDJ foi caracterizado como “casa”. Inferimos que a ideia de casa pode ter sido usada por pelo menos dois motivos. O primeiro deles era configurar a instituição escolar com as características de uma casa, de um lar, remetendo à concepção de responsabilidade das mulheres pelos afazeres domésticos, isto é, a escola seria a extensão de uma casa convencional, com cozinha e espaços para que as alunas pudessem aprender conteúdo específicos como arte culinária, corte e costura e ordem doméstica. O segundo motivo talvez fosse para referenciar o espaço que não era composto por uma arquitetura comum às escolas tradicionais, com várias salas, pátio espaçoso com jardinagem, entre outros.

Podemos comprovar que uma escola doméstica deveria proporcionar à mulher uma educação escolar de acordo com os “[...] dotes naturais e a instituição escolar deveria funcionar como um segundo lar, a extensão do espaço privado. [...] Uma Escola Doméstica é uma casa

**“Formar não só Donas de Casa, mas também Domésticas”:**

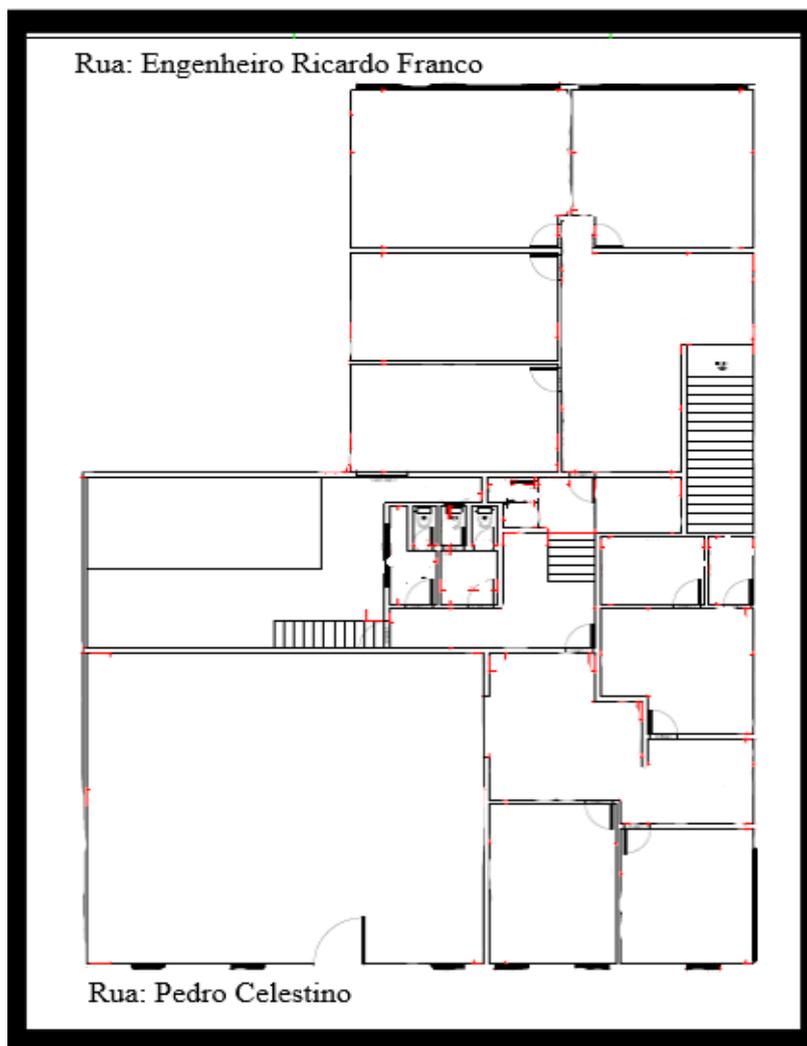
**Educação para Mulheres na Escola de Domésticas  
Dona Júlia em Cuiabá – MT (1946-1947)**

**GABRIELLA MOURA DA SILVA  
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA**

de família.”, como dito por Rodrigues (2007, p. 74). Desse modo, era provável que a instituição em sua arquitetura remetesse a uma casa.

A partir das fontes coletadas ao longo deste estudo é possível afirmar que o prédio doado pela LBA para a instalação da EDDJ estava localizado na rua Pedro Celestino nº 32, no centro de Cuiabá, cujo espaço continua com a mesma estrutura original, salvo algumas pequenas reformas.

**Figura 1 - Planta Baixa do Prédio que foi sede da EDDJ**



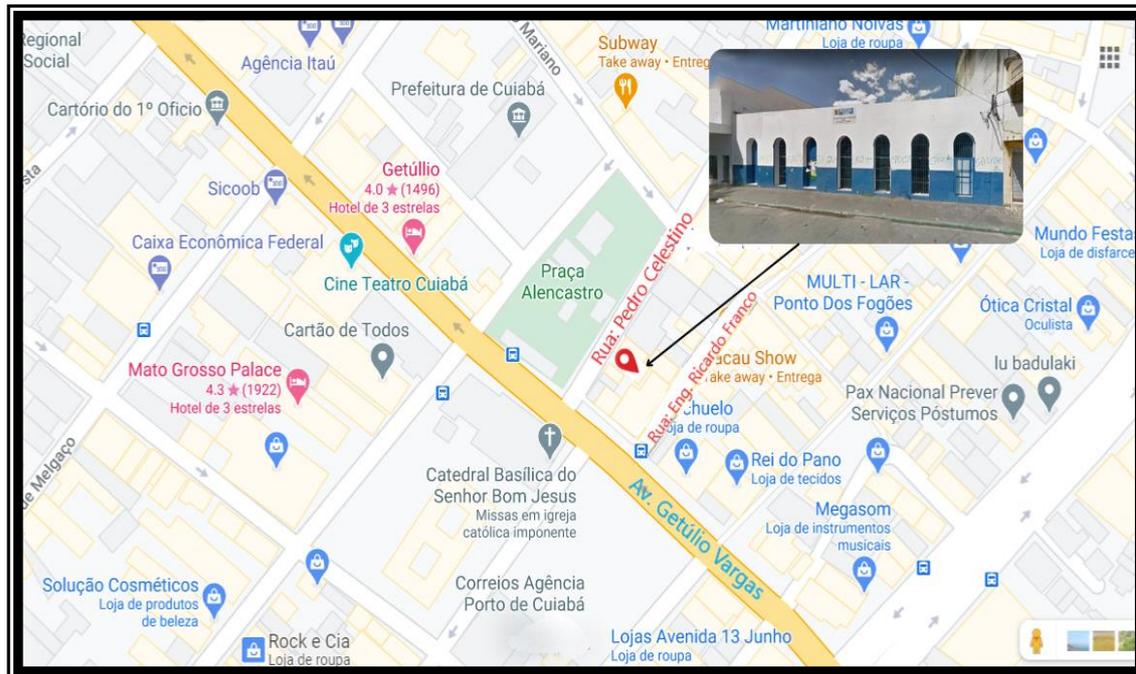
**Fonte:** 21ª Companhia Independente de Cuiabá.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Adaptado pela pesquisadora. A planta foi cedida às pesquisadoras pelos Dirigentes da Polícia Militar de Mato Grosso, da 21ª Companhia Independente de Cuiabá. A figura foi editada usando o “Paint 3D”. A planta original está em processo de adaptações para as novas instalações do posto da Polícia Militar, portanto foram retiradas da planta as metragens dos espaços para que a imagem pudesse ficar mais legível.

A figura acima mostra a planta do prédio que foi sede da EDDJ. O prédio sofreu algumas adaptações, porém boa parte da arquitetura e do prédio permaneceram no formato original. A parte da frente da planta, na qual há uma porta, está de frente para a praça Alencastro e a prefeitura de Cuiabá e as instalações do prédio se estendem até a rua Engenheiro Ricardo Franco. As poucas repartições eram divididas entre as salas de aula, a cozinha e os espaços das atividades práticas da EDDJ. Como era um espaço pequeno, agrupava reduzido número de estudantes.

O prédio, no qual funcionou a EDDJ, foi sede de outros órgãos do município de Cuiabá. Maria de Arruda Müller (1994) salientou que, em 1994, outra instituição escolar funcionou no prédio, a Creche São Francisco de Assis. Foi também sede do Banco do Estado de Mato Grosso – BEMAT. Atualmente, desde fevereiro de 2020, esse prédio é um posto da Polícia Militar de Mato Grosso, da 21ª Companhia Independente de Cuiabá. Na figura a seguir, é possível visualizar a localização da EDDJ.

**Figura 2 – Localização do prédio onde funcionou a EDDJ**



**Fonte:** Google Maps, 2021<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> A figura foi elaborada pela pesquisadora, por meio de Print da plataforma de mapas e localizações “Google Maps”. Na sequência editamos o print no “Print 3D” e acrescentamos a imagem do prédio onde funcionou a EDDJ. Por fim, utilizamos o “Canva” para inserir o formato retangular da imagem e o símbolo da localização da instituição.

O local de funcionamento da EDDJ não foi escolhido aleatoriamente. Nas adjacências da EDDJ funcionavam pequenos comércios e havia intensa circulação de pessoas, o que provavelmente facilitava o acesso das moças à instituição escolar e aos cursos que, porventura, fossem ofertados. Para além disso, a EDDJ localizada no centro da cidade poderia representar uma instituição que chamasse a atenção da população que ali frequentava.

Nosella e Buffa (1996) ressaltaram que a construção de um prédio, a arquitetura que o envolve, o local onde está construído, nunca é por acaso, mas, sim, de acordo com ideias, valores e potencialidades de uma determinada sociedade, na qual “[...] o significado dos elementos da composição de um edifício, mas, na verdade, cada elemento materializa concepções, opções, valores e preocupações humanas”. (NOSELLA; BUFFA, 1996, p. 42). As preocupações com a instalação da EDDJ partem de ideias elaboradas a fim de atender aos interesses de famílias tradicionais de Cuiabá.

### **3. ESCOLA DOMÉSTICA DONA JÚLIA: “PREPARADORA DE SERVIÇOS”**

A Escola Doméstica inaugurada partia dos interesses de mulheres das famílias mais abastada de Cuiabá, sócias do GLJLA e, principalmente de Maria Dimpina, que participou ativamente de todos os processos de implementação da instituição. Para ela, não havia nada de mais útil para a mulher do que a formação doméstica, “[...] o que pode haver de mais útil ou mais proveitoso que as instruir nessa ciência, [...] a educação da mulher para aquilo que ela sempre tem necessidade de ser – a dona de casa?” (ARINAPI, 1919, p. 1). Ou seja, independentemente da posição social ou do trabalho fora do lar do qual se ocupe, a mulher deveria ser dona de casa ou, ainda, compreender quais eram suas responsabilidades perante a casa.

Muitas mulheres passaram a ocupar outros espaços, que não o doméstico. Porém, o lar continuava sendo responsabilidades femininas e caberia a elas a escolha de uma mulher para trabalhar em seus lares. Desse modo, as mulheres das famílias mais abastadas de Cuiabá planejaram e organizaram uma instituição doméstica para a formação da mão de obra doméstica, onde iriam adquirir a formação adequada para atuar em suas casas.

A maioria das mulheres do GLJLA eram funcionárias públicas e, portanto, necessitavam de ajudantes para o serviço doméstico. Contudo, em publicações da revista *A Violeta*, Arinapi

salientou que o despreparo era uma razão para a falta de doméstica “[...] está provado porque há deficiência de pessoal para os serviços domésticos: o motivo é porque, encontrando dificuldades para fazer, os fazem de má vontade [...]”. (ARINAPI, 1930, p. 3). Pela ótica de Dimpina, as mulheres que apareciam para os trabalhos não tinham o preparo adequado aos costumes preconizados por essas mulheres, por esse motivo, precisavam formar-se.

Desse modo, educá-las aos moldes dessa população abastada era a solução adequada, como Dimpina expôs claramente em uma das publicações. Para ela, a formação da mão de obra doméstica era “[...] um clamor geral de todas. E para atender a esse clamor que em breve a Escola para a formação doméstica da mulher”. (DIMPINA, 1945, p. 3). Dimpina, como vemos, representava os ideais de uma parcela de mulheres das famílias tradicionais de Cuiabá que compartilhavam dos mesmos interesses, ou seja, a formação adequada para as domésticas.

Essas mulheres eram membros do GLJLA que exerciam algumas funções públicas, como professoras, funcionárias públicas, esposas de políticos. Como, por exemplo, Maria de Arruda Müller, que era esposa do Interventor Federal Júlio Strinberg Müller, Maria Dimpina que era funcionária pública em Cuiabá, ou seja, eram representantes de famílias influentes de Cuiabá e, de certo modo, influenciavam e ditavam as normas para as mulheres cuiabanas. Essas mulheres também precisavam de outras mulheres que trabalhassem em sua casa como doméstica e que tivessem uma “formação adequada”, consoante os padrões que estipulava. Portanto, trataram de fundar uma escola que preparassem mulheres para os trabalhos também em suas próprias casas.

Os interesses de Dimpina com a formação da mão de obra doméstica eram óbvios. Para ela havia falta de profissionais adequadas para o serviço doméstico, pois “[...] apareciam as ajudantes, porém sem nenhum preparo para dominar, com sabedoria, os serviços aos quais se propunham. A partir dessa realidade fundou a Escola Doméstica [...]”. (FREIRE, 1999, p. 172).

A EDDJ, desse modo, formaria a “doméstica perfeita” que trabalharia para essas mulheres. A escola se responsabilizou como ponderou Freire (1999), por ensinar as mulheres para “[...] trabalhar com economia, qualidade rara no profissional dessa área; ensinava boas maneiras no trato, assiduidade, pontualidade, asseio consigo e no serviço, respeito aos patrões [...]”. Portanto, compreendemos que era preciso, “adestrar” as domésticas e ensinar os bons modos.

Trabalhadoras do povo, mulheres pobres, empregadas domésticas “[...] eram consideradas profundamente ignorantes, irresponsáveis e incapazes, tidas como mais

irracionais que as mulheres das camadas médias e altas [...]” (RAGO, 2018, p. 589). Isso nos parece de acordo com o pensamento das integrantes do GLJLA, para quem as mulheres do povo não tinham a formação para o trabalho nos afazeres domésticos como pretendido por elas e não eram sequer capazes de trabalhar em seus lares.

Dimpina (1945, p. 2) expressou claramente que as domésticas precisavam de formação adequada, pois havia uma incerteza “[...] da conduta moral daquela que deve substituir em casa a dona que se ausenta [...]”. Há de se destacar a desconfiança em relação à conduta dessas mulheres, essa incerteza sobre a conduta das domésticas era muito comum no período não pelo fato de haver furto em suas residências, mas pela recorrente situação que as domésticas enfrentavam de abusos sexuais, morais de seus patrões, e ainda assim eram delas a má conduta.

Muito embora a população feminina dedicasse suas vidas aos trabalhos braçais, como empregadas domésticas, eram vistas como pessoas propícias à degeneração moral, ou seja, “[...] a empregada doméstica e as várias profissões femininas eram estigmatizadas e associadas a imagens de perdição moral, de degradação e prostituição [...]”. (RAGO, 2018, p. 589). Enfim pela ótica das mulheres abastadas, a escolha de uma doméstica deveria ser cautelosa, pois uma doméstica poderia ser uma ameaça para suas famílias.

De fato, as ideias de Dimpina para a formação da mão de obra doméstica incluía uma educação das mulheres para torná-las condizentes com essa moral e boa conduta esperadas, uma vez que prevalecia a ideia de que era “[...] entre as classes desafortunadas que se deve proporcionar tal educação, pois que é dela que sai o grosso das prostitutas: são as operárias, modistas, etc. que contribuem maiormente para classe das meretrizes”. (RAGO, 2018, p. 589).

Na EDDJ, portanto, as moças seriam educadas de maneira “correta”, coerente com as condutas esperadas pelas mulheres das famílias mais abastadas de Cuiabá. As mulheres ali formadas seriam as empregadas educadas e instruídas para os afazeres domésticos nas casas das famílias e, assim, provavelmente teriam a conduta esperada pelas mulheres das famílias abastadas cuiabanas.

Como a ideia de reforçar os princípios norteadores da EDDJ, Dimpina publicou na coluna “A Crônica” de *A Violeta*, a proposta da instituição, que estava dividida em dois princípios. O primeiro era de uma “[...] escola doméstica e o preparo de domésticas”. Nessa divisão, Dimpina (1943, p. 2) assegurou que “[...] o primeiro refere-se à dona-de-casa, rica ou pobre, a quem devem ser dados conhecimentos teóricos e práticos de enfermagem, culinária,

puericultura, tudo, enfim, que for preciso para que ela faça do lar o ambiente feliz sob sua direção eficaz [...]”.

Conforme o primeiro princípio, havia moças que buscavam os conhecimentos do lar para sua própria formação, ou seja, não precisariam atuar como doméstica, mas ao se matricular na EDDJ, buscavam aprender para serem administradoras de seus lares e administrarem os afazeres e ensinarem suas domésticas, isto é, o ensino doméstico para essas moças “[...] era o adestramento para o lado prático e provável da vida”. (DIMPINA, 1950, p. 2). Chamou-nos a atenção a palavra “adestramento” utilizado por Dimpina. Para ela, as moças deveriam ser domesticadas, treinadas como desejavam as gestoras da EDDJ.

O segundo princípio referia-se ao preparo das domésticas para os serviços exclusivamente do lar “[...] se para o primeiro há necessidade incontestável de uma instalação dispendiosa, o preparo de domésticas se liga de tal forma ao serviço de assistência escolar e hospitalar que eles se completam [...]”. (DIMPINA, 1943, p. 2).

Desse modo, podemos inferir que a escola de ensino doméstico em Cuiabá se constituiu de forma distinta e, por vezes, com a segregação de estudantes. Assim, parte das alunas seriam formadas para servir como domésticas nas casas das famílias mais ricas, ou seja, mulheres a serem adestradas. Outras moças seriam formadas para compreender como organizar um lar, comandar suas tarefas domésticas, ou seja, uma formação para as moças das classes mais abastadas.

Como podemos comprovar, a EDDJ não se dedicou a uma formação emancipadora, intelectual das domésticas, mas moldou-se por um modelo de ensino conservador, embasado nas concepções das próprias mulheres que a dirigiam e nela ministravam aulas.

O programa de ensino do curso doméstico buscava atender aos objetivos de suas gestoras, ou seja, conhecimento especializado para formação de mão de obra doméstica. “[...] A nossa escola, tal como a idealizamos e como pretendemos que seja, não será apenas de aulas práticas de culinária e serviços domésticos, mas como uma, preparadora de serviçais para serem mais tarde operárias assalariadas [...]”. (DIMPINA, 1946a, p. 12). Uma formação que pudesse servir também para profissionalizá-las nos serviços domésticos.

A EDDJ foi vista pelas mulheres mais abastadas de Cuiabá como uma solução para esse problema da falta de mão de obra e, também, como solução para as moças ricas que precisavam dos conhecimentos domésticos para manutenção do lar. A escola em pouco tempo de discussão

**“Formar não só Donas de Casa, mas também Domésticas”:**

**Educação para Mulheres na Escola de Domésticas  
Dona Júlia em Cuiabá – MT (1946-1947)**

**GABRIELLA MOURA DA SILVA  
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA**

foi implementada, pois o proposto era educar as moças para atender às exigências das senhoras de Cuiabá, como salientado por Dimpina (1943, p. 3), para “[...] pôr fim na crise de mulheres para serviços domésticos; é este, o remédio para a salvação dessas moças que constituem para vós mesmos um trabalho insano de educação, vós que vos demorais longe do lar, ocupados em vossos afazeres cotidianos [...]”. O trabalho insano abria espaço para o ensino adequado da mão de obra, assim as mulheres que permaneciam tempos fora de seus lares não se preocupariam com a decência que o lar estava governado.

Por fim, a escola surgiu a partir de interesses de mulheres abastadas em Mato Grosso e voltou-se à formação da mão de obra doméstica para essa mesma população. A EDDJ representava uma ideia de formação feminina articulada aos interesses de mulheres, cujo poder econômico era significativo, às famílias tradicionais e às elites religiosas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

A proposta para esse estudo visou discutir sobre a criação da EDDJ e seus objetivos para a formação das mulheres. Ao longo de nossas discussões, buscas, análises das fontes e escrita dessa pesquisa, é possível compreender para quem estava voltada as ideias de criar uma escola doméstica na capital de Mato Grosso.

Constatamos que os pressupostos da classe mais abastada de Cuiabá, em especial, as mulheres do GLJLA, dedicaram-se por anos na criação de tal instituição. Principalmente, a professora Maria Dimpina, que lutou e por vezes travou discussões em A Violeta para a implementação de uma escola Doméstica. Dimpina foi a primeira diretora da instituição.

As mulheres do GLJLA, Maria de Arruda Muller e Maria Dimpina, eram mulheres das famílias mais abastadas de Cuiabá, logo, comungavam dos mesmos interesses, em especial, o interesse de criar em Cuiabá uma escola que formasse a mão de obra doméstica que pudesse mais tarde trabalhar em suas próprias residências, pois trabalhando fora como funcionárias públicas, professoras ou por acompanhar seus esposos em eventos políticos, quem cuidaria dos seus lares?

Ainda que a instituição tenha demorado em ser inaugurada, notamos que ela de fato inaugurada na capital somente em 1946 quando Maria de Arruda Muller estava a frente da LBA e no ano anterior seu esposo era Interventor federal em Mato Grosso. Isso nos leva a analisar que, a influência e o interesse mutuum de Maria de Arruda, pela EDDJ, foi importante para a efetivação da escola.

**“Formar não só Donas de Casa, mas também Domésticas”:**

**Educação para Mulheres na Escola de Domésticas  
Dona Júlia em Cuiabá – MT (1946-1947)**

**GABRIELLA MOURA DA SILVA  
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA**

Concluimos que a escola foi construída para formar domésticas que se adequassem ao modelo burguês dessas famílias, que alegavam a falta de mão de obra qualificada para Cuiabá. É possível perceber ainda que as ideias estabelecidas por elas não relacionavam a uma escola de educação para mulheres, em um sentido emancipatório, mas com um modelo específico de aulas para que as mulheres pudessem aprender tudo que lar da burguesia exigia.

Concluimos ainda que como as classes mais abastadas tinham o controle sobre a educação, em especial a educação das mulheres. Vejamos, que até o prédio foi doado a essa instituição que em momento algum nos apresenta uma escola para formação integral da mulher, ainda que fosse somente para mão de obra, não se pensou em um projeto que permitissem essas mulheres serem empregadas em outros espaços que não o doméstico.

Essa escola não foi apenas uma ideia, mas um projeto articulado pelas classes mais abastadas para atender a essa classe, não era interessante e nem conveniente para essa população formar pessoas que pudessem mais tarde ocupar outros espaços que não a classe do trabalho como domésticas.

Consideramos que as ideias de Dimpina e o GLJLA eram de fato uma separação de classes, aquelas que construía uma escola para formar as domésticas para mais tarde atuar em seus lares e aquelas que seriam a mão de obra doméstica das casas de família tradicionais cuiabanas.

## REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

COSTA, Eliete Huguene de Figueiredo. **Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes**. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. Acesso em 18 de novembro de 2019. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19544>

FREIRE, Nilza Queiroz. **Maria Dimpina**. Revista do Instituto histórico e geográfico de MT – RIHGMT. Cuiabá, 1999.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

“Formar não só Donas de Casa, mas também Domésticas”:

Educação para Mulheres na Escola de Domésticas  
Dona Júlia em Cuiabá – MT (1946-1947)

GABRIELLA MOURA DA SILVA  
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

MÜLLER, Maria de Arruda. **Cuiabá ao Longo de 100 anos**. Cuiabá, 1994.

NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o Signo de uma Flor**. Rio de Janeiro: Sate, 1993.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola Mater**: A Antiga Escola Normal de São Carlos. São Carlos, SP: Editora da UFScar, 1996.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução: Angela Maria da Silva Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 6ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2018. p. 578-606.

RODRIGUES, Andréa Gabriel Francelino. **Educar para o lar, Educar para Vida**: Cultura escolar e modernidade educacional na Escola Doméstica de Natal (1914-1945). Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007. Acesso em 15 de outubro de 2019.

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14542>.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 6ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2018. p. 401-442.

## FONTES DOCUMENTAIS

### Periódicos

ARINAPI. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, 30 de outubro de 1919. Ano III, Ed. nº 59.

ARINAPI. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, 30 de abril de 1930. Ano XIV, Ed. nº 177.

DIMPINA, Maria. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, julho de 1943. Ano XXVI, Ed. nº298.

DIMPINA, Maria. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, fev-Mar.de 1945. Ano XXVII, Ed. nº317-318.

DIMPINA, Maria. Escola Doméstica Dona Júlia: meus conterrâneos. **A Violeta**. Cuiabá, set-out, de 1946a. Ano XXVII, Ed. nº 335-336.

DIMPINA, Maria. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, 30 de novembro de 1946b. Ano XXVII, Ed. nº 337.

DIMPINA, Maria. Crônica. **A Violeta**. Cuiabá, 31 de março de 1950. Ano XXVIII. Ed. nº 333.

ESTATUTOS do Grêmio Literário. **A Violeta**. Cuiabá, 15 de abril, 1918. Ano II, Ed. nº30.

**“Formar não só Donas de Casa, mas também Domésticas”:**

**Educação para Mulheres na Escola de Domésticas  
Dona Júlia em Cuiabá – MT (1946-1947)**

**GABRIELLA MOURA DA SILVA  
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA**

### **Jornais**

ESCOLA Doméstica. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 1 de dezembro, 1946. Ano VII.

Ed. nº 1.526. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098086&pesq=a%20posi%C3%A7%C3%A3o%20da%20mulher&pasta=ano%20194&pagfis=7210>